O PAPEL DO APOIADOR ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANCA AUTISTA

Autor(res)

Leividiane Dos Reis Ferreira
Lindovane Lago Da Conceicao
Giovanna Duarte Costa

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA

Introdução

Ao longo da história a compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) passou por diversas transformações, refletindo avanços significativos nas áreas da psiquiatria, psicologia e educação. Inicialmente o autismo era compreendido como um sintoma relacionado à esquizofrenia, conforme proposto por Eugen Bleuler em 1911, que utilizou o termo "autismo" para descrever um estado de isolamento mental característico de certos quadros esquizofrênicos. Porém foi apenas nas décadas seguintes com os estudos de Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944), que o autismo começou a ser reconhecido como uma condição distinta, com características próprias e com necessidade de abordagem diferenciada (KANNER, 1943; ASPERGER, 1944).
Kanner (1943) apresentou a definição do que denominou "Distúrbio Autístico do Contato Afetivo", identificando aspectos como isolamento social extremo, dificuldades de comunicação, padrões de comportamento repetitivo, início precoce e uma maior incidência entre meninos. Ele também observou que essas crianças apresentavam capacidades cognitivas preservadas e um desenvolvimento físico aparentemente típico, o que contribuía para o entendimento de que o autismo não se encaixava nas classificações psiquiátricas tradicionais da época.
No contexto educacional contemporâneo, a presença de professores de apoio tem se mostrado essencial para a promoção da inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar. Esses profissionais atuam como mediadores, facilitando os processos de ensino e aprendizagem, auxiliando na superação de barreiras que dificultam a participação plena desses alunos nas atividades escolares (DIAS; SANTOS; ABREU, 2021).
O ingresso na educação infantil é particularmente importante para crianças com TEA, pois é nesse período que se intensificam as interações sociais e o desenvolvimento de habilidades essenciais por meio do brincar e da convivência com os pares.

Objetivo

O objetivo deste trabalho foi compreender de que maneira a atuação dos professores de apoio pode favorecer o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), potencializando seu progresso e contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo, social, emocional e pedagógico.

Material e Métodos

Este estudo constitui-se como uma revisão bibliográfica, cujo objetivo principal é analisar e sistematizar o conhecimento disponível sobre o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a atuação dos professores de apoio no ambiente escolar.A revisão bibliográfica, conforme SILVA e OLIVEIRA (2020, p. 74), permite reunir, comparar e refletir criticamente sobre estudos prévios, articulando os fundamentos teóricos, conceitos, metodologias e resultados encontrados em pesquisas anteriores. O levantamento bibliográfico envolveu obras e artigos científicos que abordam o desenvolvimento infantil no contexto do TEA, estratégias pedagógicas inclusivas, práticas de apoio escolar e aspectos cognitivos, e emocionais do aprendizado. Segundo TOGNETTE, SANTOS e SILVA (2023, p. 393), a inclusão escolar de crianças com TEA requer uma abordagem pedagógica que considere suas características individuais de cada criança, promovendo aprendizado significativo e respeitando suas particularidades.Este procedimento possibilita compreender as práticas educativas mais eficazes, os desafios enfrentados pelos profissionais e as contribuições do professor de apoio para a inclusão escolar.

Resultados e Discussão

Nas últimas décadas, o Brasil tem avançado significativamente no campo da educação inclusiva, buscando garantir o direito à aprendizagem de todos os estudantes, independentemente de suas especificidades. Um marco importante nesse processo foi a promulgação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que fortaleceu o conceito de inclusão escolar e estabeleceu diretrizes para o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O AEE é um serviço complementar e/ou suplementar à escolarização, voltado para alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Segundo SASSAKI (2002), sua função é identificar, organizar e fornece recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação desses estudantes. Esse serviço deve ser implementado em consonância com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), garantindo o direito à educação inclusiva e à oferta de estratégias pedagógicas adequadas às necessidades de cada aluno.

Para a efetividade do AEE, a elaboração de Planos Individualizados de Atendimento, como o Plano de Atendimento às Necessidades Educacionais Específicas (PANEE) ou o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), é essencial. Esses planos orientam intervenções pedagógicas com base nas particularidades de cada estudante, promovendo a articulação entre profissionais da escola, famílias e serviços especializados. De acordo com TOMLINSON (2014), estratégias pedagógicas individualizadas devem considerar as dimensões cognitivas, sociais e emocionais do aluno, promovendo sua participação ativa no processo educacional e potencializando o desenvolvimento intelectual.

A atuação do professor de apoio e dos profissionais do AEE envolve a mediação do aprendizado e a adaptação das atividades pedagógicas, respeitando as singularidades de cada criança. Conforme SOUTO (2016), a intervenção individualizada deve abranger aspectos como coordenação motora, comunicação, reconhecimento de cores, formas geométricas e habilidades socioemocionais, garantindo que a aprendizagem ocorra de forma significativa.Além disso, a atuação integrada da equipe multidisciplinar, incluindo psicólogos e assistentes sociais, fortalece a articulação entre escola, família e serviços de apoio, promovendo um acompanhamento contínuo e humanizado (GURGEL, 2019).

Cada apoiador escolar enfrenta desafios tanto para se especializar em sua área de atuação quanto para conduzir de forma adequada alunos com necessidades especiais em sala de aula. É necessário atuar de maneira sensível, sem promover distinções entre os estudantes, o que demanda atenção individualizada e estratégias pedagógicas diferenciadas.Além disso, a presença de múltiplos alunos com necessidades especiais em uma mesma turma

exige preparação cuidadosa e dedicação redobrada. Quando o profissional não possui capacitação adequada, torna-se mais difícil conduzir o desenvolvimento da turma como um todo e atender às necessidades específicas de cada aluno de forma eficiente. Conforme MANTOAN (2006, p. 52), “a formação continuada e a capacitação do professor são essenciais para garantir a efetividade da inclusão escolar, permitindo que cada estudante receba o suporte necessário ao seu desenvolvimento”.

A importância da formação continuada dos profissionais é outro ponto crucial. Com o aumento da demanda por inclusão de crianças com TEA nas escolas, torna-se necessário que os educadores possuam especialização em educação inclusiva e domínio de estratégias pedagógicas adaptativas (HUME et al., 2014). Essa capacitação permite o desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis às necessidades individuais, além de facilitar intervenções assertivas em situações de desregulação emocional ou dificuldades de aprendizagem.

Conclusão

Dessa forma, evidencia-se que o objetivo do estudo foi alcançado, ressaltando a importância do apoiador escolar no desenvolvimento acadêmico, social e emocional das crianças. Embora enfrente desafios que exigem atenção individualizada e adaptação constante, quando devidamente qualificado e integrado a uma equipe , o apoiador potencializa o desenvolvimento das crianças com TEA, fortalece sua prática pedagógica e torna a experiência escolar mais enriquecedora e produtiva.

Referências

ASPERGER H.Morre"Autistischen Psychopathen"emkindesalter.
Arquipsiquiatra Nervenkr. 1944;110:76-136.

ALVES, P. Tecnologia assistiva na educação inclusiva: potencialidades e desafios. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 21, n. 2, p. 105-120, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

GURGEL, L. A atuação do professor de apoio no Atendimento Educacional Especializado: práticas e desafios. Revista Educação e Realidade, v. 44, n. 3, p. 89-104, 2019.

HUME, K.; HODGE, J.; HUNG, C. Evidence-based practices for children and youth with autism spectrum disorder: implications for inclusive education. Journal of Special Education, v. 48, n. 1, p. 13-25, 2014.

KANNER, L. Distúrbios autísticos de contato afetivo. Criança Nervosa.1943;2:217-50.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? 6. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

PAULA, Jessyca Brennand; PEIXOTO, Mônica Ferreira. A inclusão do aluno com autismo na educação infantil: desafios e possibilidades. Cadernos da Pedagogia, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 37–46, 2019.

SILVA, Valdiane Pereira Pereira da; OLIVEIRA FAUSTINO, Graciele. Inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista TEA: contribuições da ciência psicológica. Educação e (Trans)formação, Recife, v. 14, n. 3, p. 72-85, 2020.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 9. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

TOGNETTE, Maria Eduarda; SANTOS, Isabela Chicarelli Amaro; SILVA, Nilson Rogério da. Intervenções para o aluno com TEA no ambiente escolar: uma revisão sistemática. Educere Revista da Educação da UNIPAR, v. 23, n. 1, p. 392-405, 2023.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed.

São Paulo: Martins Fontes, 1991.